MARILUSA MOREIRA VASCONCELLOS

pelo espírito Tomás Antônio Gonzaga

O QUADRO MALDITO

O QUADRO MALDITO

MARILUSA MOREIRA VASCONCELLOS

O QUADRO MALDITO

(ROMANCE MEDIUNICO)

FATO VERIDICO.

P/ ESPIRITO

TOMAS ANTONIO GONZAGA

EDITORIAL ESPIRITA RADHU LTDA

R. Maria Oliano Gerassi -288

Moinho Velho- São Paulo CEP-04284-065

www.radhu.com.br

radhu@terra.com.br

ulamor@gmail.com -fon(11)2274-3818

FICHA CATALOGRÁFICA DA EDITORA

Vasconcellos, Moreira Marilusa

O QUADRO MALDITO-fato veridico

Marilusa Moreira Vasconcellos - ditado por Tomás Antonio Gonzaga

1.Brasil-Narrativa-2015

2.Psicografia.Gonzaga,Tomas Antonio(1744-1810)

II.Titulo

TAG-1810 MMV-'942

Índice para catálogo sistemático

1.escritos psicografados. Espiritismo.

2-Relato verídico- Literatura brasileira

3.romance mediúnico -Espiritismo

1ª. edição -direitos autorais

Editorial Espirita Radhu Ltda.

R.Maria Oliano Gerassi-288-São Paulo

DEDICATÓRIA

DEDICO ESTE OPÚSCULO A SRA. REGINA DE BARROS MOURA, COM A QUAL CONVIVI POR DEZ ANOS E COM A QUAL APRENDI MUITAS DAS COISAS QUE SEI SOBRE O TRABALHO DE DESOBSESSÃO, E TAMBÉM AO SR. COSMO CICOLLO, COM O QUAL CONVIVI POR TREZE ANOS, E COM O QUAL TAMBÉM TRABALHEI NO EXERCÍCIO DA DESOBSESSÃO.

APRESENTAÇÃO

PALAVRAS INICIAIS

PALAVRAS DO AUTOR

CAPITULO I - COMO CONHECI LEDA

CAPITULO II - NOVOS CONTATOS

CAPITULO III - O TEMPO PASSA

CAPITULO IV - APARIÇÃO

CAPITULO V - COMPONDO UM PROGRAMA

CAPITULO VI - A VIAGEM

CAPITULO VII - FINALMENTE NO LOCAL

CAPITULO VIII - O QUE ACONTECEU DEPOIS
CAPITULO IX - TRABALHO ESPIRITUAL DE LEDA
CAPITULO X - MORTE DOS PAIS
CAPITULO XI - ENCERRAMENTO

APRESENTAÇÃO

Prezado leitor, muita paz.

Estes fatos ocorreram há algumas décadas, porém sua realidade se impõe fora dos limites do tempo e do espaço.

Sendo verídicos, eles envolvem todas as criaturas em quaisquer épocas.

Além disto, pelo fato de serem os eventos verídicos, devem levar as criaturas, no mínimo, a meditar sobre os envolvimentos espirituais a que todos estamos sujeitos, durante nossa vida terrena, e as implicações que isto gera.

A relação do ambiente, dos objetos e dos envolvimentos reencarnatórios, na cobrança distinta que a vida se encarrega de gerenciar, nossa maior ou menor vulnerabilidade, tudo compõe as tramas dos fatos aqui narrados.

Temos certeza de que o livro causará, no mínimo, surpresa e reflexão profundas.

Cabe a cada um assimilar e aproveitar ao máximo o que é narrado, tirando para si mesmo proveito dos ensinamentos que este volume contém.

No nosso dia a dia somos impactados com acontecimentos que muitas vezes nos levam a perplexidade e a incompreensão.

Por isto, concluímos pela necessidade imperiosa do lançamento deste opúsculo, para proveito de quantos o lerem.

As pessoas envolvidas nos eventos também consideraram a felicidade e o proveito que isto redundaria para todos.

Deste modo, dentro do projeto a realizar por esta editora, é com imenso prazer que lhe entregamos, com sincero sentimento de dever cumprido, mais este livro, na certeza de que ele fará imensa diferença na sua forma de ver os acontecimentos, daqui para a frente.

Boa leitura.

A EDITORA

PALAVRAS INICIAIS

Prezado irmão e amigo,

Jesus nos abençoe.

Em muitas ocasiões, no trabalho anônimo e desinteressado, mas que envolve uma das maiores caridades realizadas pelos espíritas no Brasil e no mundo, somos deparados com situações e eventos que extrapolam tudo aquilo que tínhamos aprendido até então.

As coisas se tornam surpreendentes, no mínimo, e suas nuances geram acontecimentos inesperados, exigindo uma atuação firme e decidida, com amparo dos amigos espirituais que nos direcionam.

Presos entre os dois mundos, mantemos o espírito aberto ao aprendizado, e somos levados a atitudes que jamais imaginaríamos, para realizarmos o melhor, dentro do campo de ação onde agimos.

Tudo se inicia de um modo inesperado e os eventos vão se desenvolvendo de forma inusitada.

Sem agressão, apesar da truculência de alguns eventos, somos levados a entender e superar as dificuldades, num aprendizado inquestionável e no mínimo fantástico.

É deste modo, que, direcionados por nossos Mentores Espirituais, que lhe trazemos mais um fruto de nosso trabalho voluntário.

Todo carinho,

marilusa

PALAVRAS DO AUTOR

Querido amigo,

Jesus nos abençoe.

O trabalho ininterrupto do Mundo Espiritual nos leva a interferências que jamais imaginamos, mas as quais somos chamados a realizar, tentando, de algum modo, minimizar sofrimentos e ajustar os envolvidos, na determinação das Leis do Amor, que nos devem direcionar.

Nem sempre atingimos todos os objetivos que nos norteiam, porém, na maioria das vezes, frente a fatos aparentemente irrecuperáveis, conseguimos dar uma virada existencial momentosa a tudo.

Certo que todos nós enfrentamos problemas de vulto, em nossas jornadas.

Queremos que você, amigo e irmão, nos acompanhe nestes relatos verídicos, que mostram de que forma fomos chamados a atuar e intervir, na solução daquilo que parecia impossível.

A partir de agora, você é nosso convidado nestes eventos, que nos ensinaram lições amoráveis e inestimáveis das experiências de uma jovem, cuja vida foi abruptamente truncada aos 14 anos do percurso terreno.

Sabemos que você ficará, no mínimo, encantado com a jovem Leda, razão primordial de nosso envolvimento.

Possa você fixar em si mesmo, tal como nós, as lições memoráveis e inesquecíveis que nos foram propiciadas, através das ações possíveis naqueles momentos.

Vamos, portanto, a história.

Jesus o abençoe e a nós.

Tomás.

CAPITULO I - COMO CONHECI LEDA

Estávamos na cidade de Birigui, a convite da senhora Z.R. para um trabalho de pintura mediúnica.

Como ocorre nestes eventos, todo um grupo de artistas desencarnados inicia o levantamento do local 15 dias antes do evento, estudando o grupo que organiza o mesmo, a psicosfera da cidade, a maioria das histórias dos participantes, trabalhando ingentemente, no sentido de conseguir levar pessoas ao local do trabalho, no propósito de auxiliar estas pessoas, durante a pintura.

As fraternidades dos pretos e índios, japoneses e chineses, egípcios e incas, árabes, militares, como os lanceiros de Maria, os romanos, os irmãos do deserto, os orientais, a Fraternidade do cálice, e de Maria de Nazaré, Francisco de Assis e Vicente de Paulo, Ricardo, coração de leão, a Fraternidade Branca de Ramaiana e muitas outras se revezam na programação que antecede os eventos.

Tudo é dirigido magistralmente e de forma bastante severa pelo orientador Leonardo da Vinci.

Claro que eu, como orientador da médium, fui quem direcionou este grupo, para trabalhar com ela..

Durante os trabalhos, foi feita uma pintura mediúnica de um espírito presente.

Seu nome era Leda e sua história era impressionante. Filha única de um casal, fora estudar na cidade de Andradina, com 14 anos de idade, e, vítima de uma pertinaz obsessão, acabara por se lançar da janela do 14° andar do apartamento onde morava, vindo a falecer de forma trágica e difícil.

Logo tomamos contato com sua história e passamos a trabalhar com ela, no sentido de enviar aos pais algo que, de alguma forma, amenizasse sua dor.

Não demorou e um dos pintores, olhando a figura da linda jovem que ali se fizera presente, com um determinado fim, desenhou rapidamente no papel o rosto da jovenzinha, e foi feita a doação do desenho aos pais da moça.

Embora seus pais não estivessem presentes, a sra. Z.R. se incumbiu de enviar-lhes o presente, porque ela conhecera ao espírito ali retratado, bem como a situação trágica de seu passamento.

Após o trabalho, nossa medianeira tomou contato com a pintura realizada, e se impressionou com a beleza do espírito ali representado, e com alguns dados sobre sua morte antecipada.

CAPITULO II - NOVOS CONTATOS

Muitos anos se passaram e um dia, a medianeira foi surpreendida por um telefonema da professora Z.R. que fazia uma excursão de ônibus com estudantes da escola onde lecionava, para a cidade de Ouro Preto, em passeio turístico, num ônibus fretado para este fim.

Estava ocorrendo uma intervenção espiritual entre os alunos, durante a viagem, e alguns jovens estavam em situação de risco, com vontade de se matar.

Parecia que entidades perversas se assenhoreavam dos participantes da excursão, de forma obsessiva muito intensa.

Após oração e pedido de socorro, nossa equipe se deslocou pra a estrada, na busca dos membros da excursão, e percebemos de pronto que a senhora Z.R. estava às voltas com um ataque psíquico bastante forte e hostil, visando desestabilizar o grupo e até levar alguns ao desenlace.

Imediatamente ela orou e, em seu pensamento, veio a imagem da jovem que fora retratada, quando da ida a Birigui.

Leda, assim atraída, veio ao local onde os fatos se desenrolavam e com auxílio de nossas equipes e dos mentores da professora, conseguiu

contornar a situação, chamando os alunos a oração e cuidados.

Com isto puderam continuar seu percurso, e usufruir do passeio de forma harmoniosa e equilibrada.

Era a segunda vez que tomávamos contato com aquele gentil espírito, e ela nos encantou sobremaneira.

Soubemos que se dedicava a atender os jovens que estavam em desiquilíbrio, em risco de terminar de forma violenta a própria existência.

Leda, uma jovem suicida, segundo os dados que nos foram fornecidos pela primeira vez, trabalhava para impedir que outros jovens cometessem este desatino.

Ficamos impactados com sua personalidade, sua doçura e beleza, e profundamente tocados com sua dedicação ao trabalho socorrista específico, ao qual se ligara, e ao qual se dedicava.

Nossa ligação, contudo, ainda se daria de forma mais expressiva, e não podíamos aquilatar, nem si quer imaginar o que viria a ocorrer, mais tarde.

CAPITULO III - O TEMPO PASSA

Com o passar do tempo, a amizade entre nossa medianeira e a senhora Z.R. se intensificou, e passaram a se corresponder através de missivas, como era costume, então.

Aos poucos, ficamos sabendo que Leda vinha trabalhando junto aos jovens e, mais do que aquela intervenção, durante a viagem, por diversas vezes havia interferido e auxiliado os alunos em suas atividades e, principalmente, quando estavam sob influência perniciosa, em suas vidas, através da interferência de espíritos ou de gente encarnada e de má índole.

Trabalhava no equilíbrio dos jovenzinhos com afinco, evitando-lhes a atração para a drogadição, ou para outros males.

Muitas foram as ocasiões em que agira diretamente sobre a senhora Z.R., através de seus dons mediúnicos, chegando a aparecer e falar-lhe, dando-lhe indicações preciosas e seguras sobre os acontecimentos, e auxiliando praticamente de forma direta, no socorro aos jovens.

Sua atuação firme nos surpreendia e impactava, de forma direta. Era constante sua intervenção benéfica, no trabalho diuturno da professora de Birigui.

Passamos a acompanhar de mais perto aquela intervenção abençoada, e também nos ligamos de forma afetiva aquele espírito.

Com isto, não foram poucas as vezes em que pudemos estar juntos, durante alguns trabalhos de socorro, o que mais nos aproximou.

Mesmo assim, não me aventurei a pesquisar mais sobre ela, nem me dei ao luxo de fazer perguntas, que poderiam ser uma invasão a privacidade daquele ser tão dedicado e, aparentemente tão sofrido, e que tivera uma vida tão curta, que terminara de uma forma tão trágica.

Nos seria fácil tomar conhecimento mais apropriado a respeito daquele espírito, mesmo sem ferir-lhe a sensibilidade.

Mas decidimos que não seriamos invasivos de forma alguma, para com ela, que nos merecia sentimentos de carinho e admiração.

Desta forma, nossas ligações foram se consolidando, e muitas foram as vezes que nos surpreendemos com a participação dela, nas atuações em que nos aliciávamos, no auxílio do ingente esforço de auxiliar nossos jovens, sempre alvos da ação maléfica, em ambos os planos da vida.

Ninguém tem noção da dimensão destes trabalhos de socorro e intervenção, nem da importância dos mesmos, no concerto das nações, e em relação ao futuro da Humanidade.

O mal exerce uma influência perniciosa, através de todos os modos possíveis, para dominar a juventude, usando até mesmo seu idealismo em seu prejuízo, para, desta forma, dominar e modificar o roteiro do bem, em todos os momentos, e em todas as circunstâncias.

Até mesmo os governos totalitários, em todas as épocas, e principalmente hoje, utilizam a juventude, através da educação em suas instituições, nos meios televisivos, mídia, internet, para aliciar os mesmos para o sexo sem responsabilidade, para as drogas, para o permissivismo e consumismo delinquente, destruindo as esperanças de um futuro melhor.

Infelizmente os jovens, muitas vezes, se deixam levar pelo canto de sereia da irresponsabilidade e dos falsos dirigentes, que falam, como a besta do apocalipse, com a voz do Cordeiro, mas o discurso é do Dragão.

A “Agenda” implantada nas organizações e Universidades promovem há mais de um século seu propósito nefando.

A maioria não percebe a imensa rede de infiltração e extermínio do bem em todos os cantos da Terra, e se submete, inadvertidamente, a lavagem cerebral que se impõe, através do quinto poder, a mídia, e da pregação de governos ditatoriais, cuja única finalidade é manter todos sobre a escravatura, para se apoderar de todas as riquezas das nações.

Não apenas os jovens, a água, os alimentos, os mananciais, o ar que respiramos, tudo está contaminado e direcionado para o extermínio de milhões, quando não a máquina mortífera das guerras, dos ódios implantado nos grupos, dos poderes constituídos, das instituições, das corporações, na saúde, no comercio, no

Nota de rodapé: Ver o documentário, A Agenda de Foster Gamble, sobre o assunto .

extrativismo e em tudo, só visam dominar, extorquir, manipular e utilizar tudo e todos a seu benefício, a benefício das trevas que querem comandar o orbe.

Vivemos momentos identificados pelo Apocalipse de João, e os sinais estão mais do que evidentes, mas as pessoas teimam em não querer ver, e, por isto, o domínio do mal se expande e o culto a Mamon cresce nos continentes, através de seus governantes e do povo.

Apesar do aviso de João há milênios, apesar de muitos missionários terem sido assassinados, e continuarem sendo, por organizações do Mal, na luta pelo poder, apesar dos ingentes esforços dos Mensageiros Celestiais, auxiliares de Jesus, tudo indica que não conseguiremos impedir a concretização das profecias, contidas no último livro do Evangelho, ou do Novo Testamento.

Por isto, se torna imperioso o trabalho anônimo e caritativo da desobsessão nos grupos espíritas, no tentame de salvar consciências e grupos, até mesmo países e a própria civilização.

Mas retornemos a história em que nos envolvemos, depois de conhecer a jovem Leda.

CAPITULO IV - APARIÇÃO

Apesar de estarmos acostumados de ver Leda, a participar dos trabalhos nossos de desobsessão, junto as diversas fraternidades as quais nos incorporamos, foi com surpresa que recebemos seu pedido particular e específico.

Estudamos os motivos, as razões e os meios que ela julgava possuir, para intervir, de forma drástica e eficaz, em fatos que haviam ficado lá atrás, no período que redundou em sua morte, ou seu desencarne, como quiserem.

Desta forma, estudamos o caso e seu pedido, e resolvemos a viabilidade de atendê-la naquilo que se propunha a fazer, de tal sorte que estaríamos também envolvidos nos eventos e, conosco, nossa medianeira.

Sim, porque as resoluções de Leda exigiam a intervenção física e espiritual de nossa auxiliar, naquelas tarefas.

Foi desse modo que, num dia de trabalho mediúnico intenso, auxiliamos Leda a se fazer visível a Marília.

A princípio, a médium não conseguiu entender o porquê daquela aparição tão nítida e presente, diante de si, mas logo deduziu que um motivo maior agilizava o fenômeno.

Deste modo, concentrou-se ainda mais e aguardou que a aparição falasse com ela e explicasse o porquê daquela visão tão clara e ostensiva.

Marília sabia que, quando a vidência se torna tão clara, algum motivo maior existe por trás do fenômeno, e não tinha nada a ver com treino mediúnico ou com a curiosidade dela mesma.

Deste modo, mentalmente saudou a jovem aparição e perguntou a que vinha.

Leda, feliz por ter conseguido de nós a anuência para seus propósitos, e também ao perceber que sua presença era percebida de forma tão objetiva, sorriu feliz, impulsionada pelos seus bons propósitos.

Explicou para Marília, nossa medianeira, que estava ali presente com um propósito específico, mas que sua intenção envolvia um esforço por parte da médium e de outras pessoas, com as quais estava ligada pelo sentimento.

Explicou, pois:

--Preciso que você viaje até a cidade de Andradina, onde vim a perecer. Existe um motivo para isto, mas não posso entrar em detalhes quanto a isto, porque não sei se conseguirei meus objetivos, que não são fáceis.

Tem que confiar em mim. Peço que entre em contato com a minha amiga Z.R. e lhe peça para marcar com você um dia, para que se encontrem em frente ao prédio onde vim a falecer. Minha amiga deve avisar meus pais e conseguir que ambos estejam também no local, no mesmo dia e hora.

Marília não conseguia entender os objetivos daquele pedido insólito, que haveria de lhe custar, no mínimo, constrangimento, para deslocar todos juntos e também se transladar até lá, com gastos e tempo praticamente perdidos, numa ação cujos motivos não podia entender, por não lhe serem explicados.

Porém, como expor suas dúvidas e temores, suas dificuldades para atender o pedido insólito que lhe era feito, de forma tão evidente e segura,

de modo quase impositivo, mas também emotivo?

Pensou como poderia argumentar com aquele espírito, cuja aparição era tão firme, sem magoá-la ou mesmo criar algum tipo de aborrecimento a mesma?

Leda percebeu- lhe o pensamento e falou de forma firme e séria:

--Por favor, atenda-me. Sei que ninguém mais faria isto, porque parece um pedido absurdo, ainda mais porque não posso lhe explicar, no momento, o porquê disto tudo. Você sabe que parti de forma trágica e terrível, e que meus pais jamais entenderam o que houve, nem conseguem se perdoar de ter-me deixado morar sozinha em outra cidade, longe deles, acreditando que foi isto que provocou o gesto tresloucado que me custou a vida.

Porém, as razões são mais fundas do que os fatos aparentes.

Preciso retornar com você ao local onde vivi meus últimos momentos. Isto fará um bem enorme a mim e a meus pais. Sei o quanto lhe custará de esforço e confiança, até mesmo de despesas e tempo para me atender, mas te suplico, atenda meu pedido.

Havia na voz do espírito comunicante uma espécie de desespero, uma intensidade emocional fortíssima, que levou Marília a pensar que a atenderia, mesmo que isto lhe custasse muito em esforço e aborrecimento, pelo inusitado da ação que se lhe exigia.

Percebeu que eu concordara com o pedido de Leda, e se algo ainda a detinha, minha interferência fez com que se inclinasse a aceitar o pedido da jovem desencarnada, mesmo sob a preocupação de mexer com tanta gente, a senhora Z.R. e os pais da moça, que deviam ainda sofrer muito com sua ausência física.

Leda aguardava que a medianeira lhe respondesse, cheia de sincera preocupação, quanto aos propósitos que a impulsionavam, e foi com alegria que ouviu a resposta:

--Pode ser até que me arrependa de atender seu pedido, porque você si quer se dá ao esforço de me explicar o porquê disto tudo, mas, apesar dos receios que me tomam de vir a me arrepender, por ferir os sentimentos alheios, aceito seu pedido e tudo farei para atendê-la, mesmo ao custo final de perdas ou incompreensões.

Leda ficou radiante e seus olhos brilharam com lágrimas, enquanto um sorriso lhe brotava nos lábios juvenis:

--Jamais terei como lhe pagar, mas não se arrependerá de me atender, eu lhe prometo.

A aparição foi se desvanecendo e desapareceu do olhar de Marília, que, preocupadíssima com o que acabara de aceitar, pensou na melhor maneira de entrar em contato com a senhora Z.R., em Birigui, e colocá-la a par da incumbência que teria, na parte do pedido que a jovem Leda lhe endereçara.

Tudo dependia daí para a frente da intervenção da senhora da cidade de Birigui, que, se aceitasse a incumbência de falar com os pais de Leda, e levá-los e se transladar até o apartamento em Andradina onde a filha falecera, haveria de saber com Marília, qual o propósito da jovem querida, que armava tal expediente.

Nossa preocupação não era menor do que a de nossa querida médium, e entendíamos as razões que a tomavam de assalto, na responsabilidade que acabara de aceitar, pelo seu modo bondoso e terno de agir a benefício do semelhante, e que sempre lhe custava sacrifícios e trabalho ingente.

Ficávamos até constrangidos, porque sabíamos de suas dificuldades financeiras, e como lhe custaria a viagem e os dias em que perderia o ganho, em seu trabalho profissional.

As pessoas pensam que os médiuns não tem as mesmas necessidades que todo o mundo, no próprio sustento, no seu dia a dia, nos cuidados com a família, no serviço pelos seus e por si mesmos, e vivem a cobrar-lhes a dedicação, para a solução dos problemas alheios.

Nunca pensam se o médium está cansado, doente ou com problemas, e se julgam no direito de lhes exigir dedicação, na solução de seus problemas.

Deste modo, apesar de ser o mediador do pedido de Leda, senti-me constrangido de, mais uma vez, exigir dela o esforço maior e o sacrifício, coisa que sempre lhe era cobrado, desde que empreendêramos nosso trabalho mediúnico.

Ninguém jamais poderá aquilatar como me doía não poder auxiliá-la, muitas vezes, na solução de seus próprios problemas e dificuldades, e ainda vir a lhe cobrar e pedir a ação na caridade a outrem.

Parecia até que faltava com a consideração e respeito que lhe devia, e foram muitas as vezes e ainda ocorrem, quando o sofrimento de nossa medianeira me causa profundo desgosto e consternação, por não poder

interferir, de forma mais ostensiva, como me via a fazer, no auxílio a terceiros.

Mas aguardávamos as providências da amiga de Leda, e, aos poucos, ela foi tratando de conseguir que atendessem a solicitação da morta querida.

Tudo foi combinado. Marília iria para Birigui e de lá demandariam Andradina, sendo que ficaria hospedada em casa de Z.R. e, quando chegassem ao local demarcado, ela conheceria finalmente os pais de Leda, e faria tudo aquilo que fosse determinado a partir dai.

Imaginai quanta preocupação, temor e cuidados envolveram Marília e sua amiga, mas resolveram que atenderiam o pedido de Leda, a qual também aguardava com ansiedade e zelos os fatos que ocorreriam, e dos quais tomaria parte.

De minha parte, reuni as equipes com as quais trabalhamos, mais ciente das pretensões da jovem desencarnada e dos perigos que envolveriam todos, nas situações que esperávamos.

Sentia por não poder explicar a Marília o que a esperava na cidade de Andradina, e nem podia lhe adiantar nada dos planos que nos envolviam diretamente, frente a solicitação da jovem Leda.

CAPITULO V - COMPONDO UM PROGRAMA

Claro estava para nós que a programação não atendia apenas a vontade da jovem desencarnada de forma tão trágica, mas seus desejos haviam sido motivo de análise mais profunda de seus mentores, dentro do plano de ação que a envolvia, e aos familiares, e propostos num quadro muito maior de conhecimento, entendimento e atuação.

Embota tivéssemos participado de todo o estudo de seu caso específico, das vidas anteriores aquela, que haviam redundado naquela tragédia, do que se propunha a partir de então, no sentido de uma mudança radical dos eventos, de forma direta e funcional, embora não houvesse em meu espirito nenhuma dúvida, quanto aos planos que havíamos ideado, eu sabia que nossa atuação não seria fácil, que iríamos participar praticamente de uma batalha secular, e que nossa ação poderia redundar numa vitória ou numa tragédia ainda maior, pelo quadro que se nos apresentava e pelas criaturas envolvidas naquele sinistro.

Só depois de minuciosa análise de todos os eventos, de todas as pessoas envolvidas, de todos os meios e ações que poderíamos ter, no sentido de uma intervenção benéfica, após muitas marchas e contramarchas, foi que tomamos a decisão de jogar praticamente Marília no meio de nosso projeto de ação, mesmo sabendo os perigos em que a arrojávamos.

Conhecíamos de sobra a coragem e determinação de nossa medianeira e, por isso, tínhamos a certeza de que sua intervenção seria providencial, naquele programa de ação específico.

Já tivera ocasião de testemunhar sua firmeza, em diversas circunstâncias, em que fora chamada a servir, e o amor que a impulsionava.

Apesar de me doer estar a lhe exigir tanta dedicação e renúncia, eu não sabia de ninguém que pudesse agilizar nosso programa, nem executá-lo da forma que eu tinha certeza, ela haveria de conseguir.

Minha confiança nela e nos maiores da espiritualidade é que me haviam praticamente empurrado, na resolução de levar avante os pedidos de Leda e de enredar Marília naquele drama familiar, e com as pessoas que ela mal conhecia, e desejaria auxiliar e nunca ferir.

Aquela programação fora objeto de profunda analise minha e de outros espíritos, não era apenas o atendimento ao pedido de Leda, nem mesmo a satisfação da vontade daquela jovem, que nos havia cativado, com seu jeito meigo e bondoso.

Muitas vezes, diante de fatos inesperados ou inoportunos, somos obrigados a agir sob o impulso maior do momento, no intuito de minimizar ou impedir o mal, ou mesmo de salvaguardar pessoas ou vidas, no ímpeto do instante.

Mas, naquela situação, a vida de Leda já fora ceifada, seus pais sofriam e sofreriam sempre aquela perda, e, ao tomarmos ciência do que havia de envolvimento do passado naquelas circunstâncias, concluímos por uma intervenção direta, como um assalto ao local, onde tudo fora finalizado, de forma tão cruel.

Havíamos feito incursões anteriores no ambiente, sem nos deixarmos ver e compulsamos as histórias que envolviam aquela família tão atormentada pela dor.

Deste modo, organizamos um plano de ação, um programa de atuação, para que atingíssemos os objetivos escolhidos por nós e pela jovem Leda.

Marília já passara por situações as mais díspares e diversas, até mesmo perigosas, e sempre se saíra de forma proveitosa, auxiliando com desprendimento e amor.

Tinha certeza de que ela nos ajudaria a colimar os fins, mesmo sem saber nada a respeito, mas também sabia que não podia lhe adiantar nada.

Tudo seria uma surpresa para ela, ainda que pudesse não ser uma surpresa agradável ou fácil de administrar.

Deste modo, fomos promovendo o encontro que se daria em Andradina, procurando tomar todos os cuidados, para que nada pudesse interferir negativamente em nossos planos de ação e intervenção.

Fomos acompanhando o desdobramento do plano nosso, materializado com a ação de Marília, da sra. Z.R. e das outras pessoas, os pais de Leda, no caso, com profundo cuidado e respeito, dentro das pretensões que tínhamos de intervenção e sucesso.

Deste modo, conversávamos com nossa medianeira, ou em vigília ou em sonho, mas não lhe referimos a verdade total dos acontecimentos, mesmo com o risco do impacto que isto causaria na sua atuação, quando chegasse o momento de intervir.

Claro está que Marília não se sentia muito confortável, com o fato de lhe ocultarmos parte do que ocorria, e isto, em várias ocasiões, criou um conflito íntimo nela, de proporções desastrosas e sofridas.

Ela deixara claro, desde nossos primeiros contatos, que jamais aceitaria pedidos que não pudesse aquilatar de forma lógica e irretorquível, não pretendia obedecer nosso comando de maneira cega, em nenhuma circunstância. Havíamos aceito suas regras de atuação e agora as estávamos, de algum modo, quebrando, com nosso pedido.

Apesar disto, pelo carinho que Leda lhe inspirava e pela confiança em nós, havia se disposto a viajar e intervir, junto a pessoas que não conhecia, e diante de situações que não podia avaliar com antecedência, e isto me fazia admirar ainda mais sua personalidade e disposição em servir e auxiliar, sem nada ganhar, pelo contrário, com perda de tempo, perda monetária e com o risco a que se expunha.

Não tinha nenhuma dúvida quanto ao acerto das decisões tomadas, mas não podia pré julgar as consequências de nossa atuação, embora conhecesse de sobejo os perigos que isto redundava para Marília, o que muito me mobilizava, com relação a tudo o que estávamos tramando.

Foi, portanto, com profunda preocupação que tratamos de agilizar a viagem de nossa medianeira, acompanhando-a todo o tempo.

CAPITULO VI - A VIAGEM

Finalmente, depois de marchas e contra marchas, chegou finalmente o dia e Marília arrumou os poucos pertences que usaria durante aqueles dias, e tomou um táxi para a Rodoviária, onde já havia ido para a compra das passagens de ida e de volta.

Estava acabrunhada, cheia de preocupações relacionadas ao que a esperava, e também inquieta, pelo fato de arregimentar tanta gente para colimar os fins desejados por Leda, e que ela não conseguia atilar.

Perguntava-se se não estava agindo erradamente, já que permitira que infringíssemos as regras tidas e havidas entre nós, para o trabalho gratuito e difícil, muitas vezes até perigoso, a que se propunha?

Que direito tinha eu de lhe exigir o cumprimento de uma vontade da jovem morta, sem saber exatamente a que ia, e o que teria a executar?

Não estaria, deste modo, pondo em risco sua tarefa e mais, não estava interferindo na vida de outras pessoas, que não estavam vinculadas a sua promessa e roteiro encarnatório?

Tudo fora delineado, combinado e a esperavam em Birigui, com certeza com o mesmo carinho de sempre, mas teria ela o direito de exigir das pessoas a anuência ao seu pedido, vinculado a Leda?

Que direito tinha ela de intervir na vida alheia, impondo novos roteiros, por aqueles dias, se nem ela mesma sabia o motivo ou motivos pelos quais estava viajando?

As pessoas, em sua maioria, imaginam que os mentores vivem a proteger e agradar seus pupilos, facilitando-lhes o dia a dia, resolvendo seus problemas ou dirigindo-os na solução dos mesmos, mas, infelizmente, devemos informar que isto não ocorre.

A tarefa mediúnica impõe aos profitentes uma série de exigências, na maioria das vezes bastante difíceis, inesperadas, sacrificiais.

As emoções e pensamentos que tomavam Marília eram naturais, pois estávamos a lhe exigir dedicação, confiança e coragem, em ações que ela nem conseguia imaginar.

Fiquei bastante mobilizado e constrangido com isto, porque, desde o início de nossas relações mais diretas, estava sempre a lhe exigir malabarismos de atuação, em ações e escolhas que muito lhe custavam no

dia a dia, e nas relações com a família e com as demais pessoas. Não foram poucas as vezes em que ela estivera em sério perigo, devido a incompreensão e atuação alheias, mesmo dentro do campo do movimento espírita, já que os rótulos nunca promovem a inserção das pessoas nesta ou naquela escolha moral e ética, como seria de se esperar e desejar.

Deste modo, usei os recursos de que dispunha para amenizar a ansiedade e preocupação naturais, buscando fazê-la adormecer parte do percurso que duraria toda a noite, emitindo energias balsâmicas e procurando fazer-me presente de forma mais ostensiva, para assegurar-lhe algum conforto com a minha presença.

Ela percebeu-me a presença e dialogou comigo pelo pensamento, enquanto estava acordada, vindo ter comigo ao adormecer, querendo que eu lhe adiantasse alguma informação sobre o que a esperava durante aqueles dias.

Contudo, eu não podia lhe adiantar nada, mesmo porque desconhecia também qual seria o desdobramento dos fatos, apesar de ter feito com nossos demais amigos uma projeção dos mesmos, com todas as hipóteses havidas e tidas como prováveis.

Entre o sonho e a vigília, Marília ficou ainda mais aborrecida, porque eu não tinha como lhe referir os reais motivos que a estavam levando, para o local onde se dirigia.

--Você não tem o direito de fazer isto comigo! - foi o argumento que ela usou, durante nosso contato e eu não tinha como tirar-lhe a razão do comentário.

Aquele arrazoado eu já ouvira mais de uma vez, em diversas circunstancias, e sentia-me mesmo até envergonhado de exigir-lhe tanta dedicação e desprendimento, coragem e firmeza nos pedidos que lhe endereçava.

Eu era seu mentor, mas as vezes me inquiria, se ela não estava acima de minha posição, pelos fatos em que se envolvia, pelas decisões que tomava, e pelos perigos a que se expunha.

Se nossas posições fossem invertidas, se eu estivesse encarnado e ela estivesse me direcionando, no dia a dia mediúnico, teria eu a mesma disposição e firmeza que ela vinha demonstrando, apesar de todos os percalços em que eu sempre a envolvia, como se a vida de cada um já não se encarregasse de trazer tantos obstáculos e aborrecimentos?

Creio que a resposta em mim seria sempre a mesma; eu jamais me distinguiria na ação, como ela vinha fazendo, nem exerceria o papel que me era direcionado com tanta firmeza e desprendimento.

Admirava-a pelo que ela era, pelo que fora e sempre seria para mim, e continuaria a me sentir em falta com ela, e até mesmo, inferior em grandeza.

Quando lhe dizia isto, ela ria de forma delicada, mas deliciosa, dizendo que eu sabia como conduzi-la, elegantemente, e de uma forma que era sedutora, mas, por isto mesmo, muito vil.

Não havia como argumentar com ela, porque estava certa na sua apreciação.

Deste modo, a noite transcorreu lenta e difícil para ela, e, ao amanhecer, quando o ônibus parou na gare da estação da cidade de Birigui, ela desceu, indo ao encontro da amiga, sra. Z.R. que também estava sob a mesma tensão e com as mesmas dúvidas, mas que aceitara participar dos eventos, pelo carinho que sentia pela família de Leda e pelo espírito da jovem.

Trocaram palavras de afeto e rumaram para a casa, onde Marília tomou o café matinal e descansou um pouco.

Foi informada que uma outra pessoa viria de Mato Grosso, para conduzi-las ao local onde Leda perecera e que, num horário programado, encontrariam à porta do prédio com os pais da jovem.

Perguntaram a Marília o que faria lá, mas ela também não sabia a resposta, e explicou que estava constrangida de mexer com tanta gente, sem saber exatamente qual o motivo que a conduzira até ali e de lá a Andradina, segundo o pedido da morta querida.

Agradeceu a amiga ter aceito a incumbência difícil a que a induzira, e as duas acabaram rindo da situação inusitada.

--Pelo menos, você vai finalmente estar com os pais de Leda, e isto há de servir-lhes de consolo. -disse Z.R.

--Absurdo. - respondeu Marília. -Minha presença não pode tanto. Gostaria que pudesse minimizar tanto sofrimento, pelo menos, e a viagem não seria uma imprudência e loucura de minha parte.

De repente fez-se séria e falou com ênfase:

--Z., é importante que me ouça e guarde minhas palavras. Aconteça o que acontecer no local, no apartamento de Leda, não adentre o quarto de

onde ela se jogou. Você entendeu? Não entre naquele quarto, em hipótese alguma.

Ela mesma ficou admirada com a observação que fazia, porque não tinha a menor ideia do porquê daquela advertência, mas sabia que era muito importante que a fizesse.

A sra. Z. prometeu, também estranhando aquela exigência, mas, conhecendo Marília e sabendo a seriedade do que fazia, prometeu que, em hipótese alguma, entraria no quarto da amiga querida.

O dia transcorreu entre amenidades, e, no dia seguinte, à hora aprazada, um fusca de cor clara estacionou à frente do portão da casa.

Um senhor robusto, de cor negra, desceu do mesmo e se apresentou. O sr. M. era o homem que as conduziria até Andradina.

Percebia-se que o amigo estava fazendo um favor, mas a curiosidade de conhecer Marília, pelo que ouvira falar dela, e pela amizade que tinha a sra. Z.R. o fizera aceitar a incumbência de levá-las.

Havia viajado horas, estava cansado, mas a curiosidade fora maior do que qualquer dificuldade que pudesse sentir.

Houve logo uma certa empatia entre ele e nossa medianeira, isto porque eles já haviam estado juntos antes, através dos momentos do sono, quando nós programávamos aqueles eventos, que o incluíam.

A viagem para Andradina foi feita de forma agradável, apesar do carro não ser exatamente confortável, e a conversa durante o percurso foi amena, como sempre, Marília respondendo as perguntas que a curiosidade alheia sempre lhe impõe.

Naquelas poucas horas, contudo, nossa medianeira observou o condutor do carro com atenção, e tirou algumas conclusões com respeito a ele. Como acontece nestes momentos, ela procurou calar qualquer observação mais invasiva, para não magoar outrem e, nem se expor, porque quase ninguém está preparado para ouvir suas conclusões.

Respondeu tudo quanto ele lhe perguntou, da melhor forma, sem se preocupar com as conclusões que o outro pudesse ter a respeito de suas respostas.

Na maioria das vezes isto ocorre. As observações só vão ser totalmente entendidas muito tempo depois, através dos acontecimentos.

Depois de algumas horas de percurso, finalmente chegaram a cidade de Andradina, e a sra. Z.R. foi dando as coordenadas, para que chegassem ao prédio, onde Leda havia morado.

O dia estava caloroso e claro, foi o que ela me disse mentalmente, acrescendo; propicio para uma batalha, não é mesmo?

E ela estava certa. Teríamos uma grande batalha, a partir daquele momento, e ela teria uma participação direta na mesma.

Até hoje me questiono sobre porquê ela aceitara uma incumbência, cujas consequências não podia aquilatar, mas que percebia serem dramáticas e difíceis.

CAPITULO VII - FINALMENTE NO LOCAL

Leda nos acompanhava, como Marília já percebera, eu também e alguns outros amigos que se posicionavam, para o que considerávamos o ataque final.

Logo que o fusca estacionou, a senhora Z. informou que o carro dos pais de Leda estava logo adiante.

Desceram e se dirigiram para o veículo, e foram apresentados para o casal, que tratou de sair do veículo onde aguardavam.

Estavam um tanto quanto constrangidos e sendo apresentados, decidiram, em seguida, ir para o apartamento onde Leda morara.

E foi o que fizeram.

Abriram a porta do edifício e se dirigiram aos elevadores.

O prédio era um pouco antigo, mas bem apresentável, embora não houvesse na entrada nem portaria, nem porteiro, nem mesmo um zelador.

Logo uma senhora, desconhecida para nós, também chegou ao hall dos elevadores e cumprimentou os pais de Leda.

A mãe da jovem apresentou a senhora, informando que ela tinha a chave do apartamento e que cuidava do mesmo, desde o passamento da filha, para eles.

Nisto chegou o elevador e todos entraram, o sr. M, a sra. Z, os pais de Leda, Marília e a amiga do casal.

Apertaram o andar de nº 14, a porta se fechou e ficou evidente que a senhora ia com eles até o apartamento, devido ao acordo com o casal, e pelo fato de talvez querer mostrar como cuidava bem do apartamento, mas Marília já estava totalmente envolvida pela jovem Leda e, voltando-se para a senhora, perguntou:

--Onde a senhora mora?

A senhora declinou um andar e Marília apertou o botão do número citado.

--Vou com vocês ao apartamento. -falou a senhora com empatia.

Nisto o elevador parou no andar da moradora, que Marília apertara, e a porta se abriu, enquanto nossa medianeira, envolvida por Leda, falava:

--A senhora desce aqui! - falou Marília imperativa.

A senhora olhou para os pais de Leda, que ficaram sem ação, e, forçada pela atitude e por uma força maior, desejou-lhes bom dia e desceu.

A porta do elevador se fechou e ele continuou a subir.

Logo chegavam no andar demarcado e todos desceram.

O pai de Leda abriu a porta e todos entraram.

Do hall de entrada logo chegaram a uma sala, onde haviam sofás.

Na parece lateral um buffet, com alguns objetos de enfeites.

Sobre ele um quadro, representando dois homens a cavalo, numa trilha de terra, num dia claro, em meio a vegetação, mata cerrada, galopando para a frente.

O quadro logo chamou a atenção de Marília, pela densa energia que emanava dele, e também pelo fato de que, da sala era bem visível.

Estava representado em preto e branco, não era muito grande, nem tinha qualquer definição mais artística, que o destacasse como objeto de valor.

À frente dos sofás havia um corredor com duas portas, de dois quartos, e seguindo por ele se chegava a cozinha e área de serviço, bem como uma outra porta de um banheiro entre os dois quartos.

Marília observou que quem adentrava o recinto via o quadro, caminhando para o corredor que dava para o banheiro e os dois quartos, via pela lateral o quadro da parede, voltando da cozinha e área de serviço, novamente via o quadro de frente, ou seja, para qualquer local onde a pessoa dentro do apartamento se dirigisse, ela veria o quadro.

Dirigindo-se aos pais da jovem, nossa medianeira perguntou:

--De onde veio este quadro?

A mãe de Leda respondeu:

--Compramos o apartamento com alguns móveis, e a dona nos disse que poderíamos vender, claro, o que desejássemos, mas que ela nos pedia que mantivéssemos este quadro na parede. Foi o que fizemos.

Marília percebeu que este pedido, feito ingenuamente pela ex proprietária, e, sem qualquer intenção, era o gatilho do infausto acontecimento que envolvera aquela família.

Novamente envolvida pelo espírito de Leda, cujo desejo nos levara aquele local fatídico, Marília se dirigiu a uma parede da sala, como se tivesse desejo de tocar algo ali e perguntou, voltando-se para a mãe da moça morta:

--Por que tirou o piano daqui?

A emoção entre os presentes era grande, porque começaram a perceber que não era Marília quem lhes falava e sim a jovem desencarnada.

Chorando a mãe respondeu:

--Levei embora.

--E por que nunca mais tocou? - perguntou a jovem- o que ampliou ainda mais o pranto de seus pais, sua amiga e o sr. M.

--Voltarei a tocar. - prometeu a senhora, percebendo que falava com a filha.

Depois deste diálogo, a jovem encaminhou Marília a uma das portas e a abriu.

Deram num quarto mobiliado, com um armário embutido, tomando toda a parede, e uma cama de solteiro.

A janela estava fechada, mas como o dia estivesse muito claro, podia-se ver a limpeza e cuidado com o local.

A jovem foi até o armário e abriu uma porta. O mesmo encontrava-se quase vazio, mas ela tomou dali um chapéu panamá de homem e fechou novamente a porta, caminhando de retorno a sala, com o mesmo entre os dedos.

Chegou diante do pai e colocou o chapéu em sua cabeça, num gesto de profundo carinho e reconhecimento.

Seu pai chorava copiosamente, percebendo o gesto filial, com o qual Leda se identificava.

Ela se ajoelhou aos pés do paizinho, de cabelos brancos, tomou-lhe as mãos e falou por Marília:

--Tive muita dificuldade para entender tudo o que me ocorreu. Posso perdoar aqueles que me induziram, que praticamente me lançaram daqui para a morte. Só tenho dificuldade, papai, de perdoar o sofrimento que eles causaram a vocês. É difícil aceitar quanta dor lhes causei, é difícil perdoar quem me levou a agir daquele modo, não pelo meu sofrimento, mas pelo sofrimento de vocês dois.

Com os olhos embaçados pelo pranto, o pai de Leda, levantou o rosto banhado em lágrimas e fitou a médium, como se visse nela a filha

querida:

--Perdoa, minha filha!- balbuciou com a voz embargada.

Leda enxugou as lágrimas do paizinho e deu-lhe um beijo na testa.

Levantou-se, então, e fitou a amiga e a mãe querida e, com esforço, voltou-se e caminhou em direção ao corredor.

Fechou a porta do quarto que abrira e que permanecera entreaberta, e dirigiu-se ao quarto, onde pernoitava, há anos.

Abriu a porta e estacou diante da soleira da mesma.

Marília não podia acreditar no que via. Não percebia a cama, o armário, a penteadeira no cômodo.

Em lugar disto, via um cenário de uma igrejinha antiga e minúscula, com bancos rebentados e cobertos pela poeira e por teias de aranha, um altar, onde mal se distinguia ainda a mesa do ofício da missa, nas laterias, paredes derrubadas, com partes ainda de pé, o teto totalmente derruído, telhas pelo chão, pedaços de portas e janelas.

O cenário era tenso, desolador, tétrico mesmo.

Passando por ele, Marília se dirigiu para a cama onde Leda dormira, passou por cima dela e abriu a janela do quarto, deixando que a luz diurna invadisse o ambiente.

Via agora o quarto como era e sobrepondo-se a ele, a imagem da igrejinha destruída e tomada pela deterioração do tempo.

Pensou quem teria criado aquela imagem dentro daquele quarto e com qual propósito?

Como se sua pergunta tivesse o poder de exigir uma explicação, começou a ver dentro do quarto a figura de dois homens, com roupas antigas, como de donos de zona rural, com botas e esporas, chicote a cintura, calças tipo bombachas, camisas de mangas compridas e chapéus desabados, a proteger-lhes do sol.

Os mesmos perceberam que Marília os via, porém, mais do que isto, eles não conseguiam entender quem ela era, o que fazia ali, de vez que viam ao mesmo tempo a figura de Leda, em osmose com ela.

Marília percebeu finalmente o que viera fazer naquele local, alguns anos após a morte da jovem de 14 anos, cheia de vigor e sonhos, que se arrojara da janela.

Chegou ao beiral e olhou a distância até o chão, vislumbrou a queda da jovem e sua morte, em instantes, e ficou estremecida com o que entendeu naquele momento.

As cenas eram mostradas de forma vertiginosa no ambiente.

Havia ali um portal vívido do passado. A atmosfera era opressora e aterrorizante.

Enquanto isto, os pais de Leda, a senhora Z.R e o sr. M. aguardavam na sala, sem nada dizer, e sem saber o que se passava.

Marília via aqueles dois espíritos vindo por uma trilha, num local distante e numa época antiga.

Vinham contentes, porque iam ao encontro de uma pessoa, que iria proporcionar-lhes a oportunidade de um grande negócio, pela venda ou compra de propriedade rural extensa.

Os dois amigos e sócios haviam marcado um encontro com o outro negociante, dentro de uma igrejinha meio abandonada na região, exatamente aquela igreja que Marília via interpenetrando o ambiente do quarto da jovem morta.

Ao chegarem ao destino, os homens caíram numa emboscada. Haviam premeditado uma cilada, com a finalidade de tirar-lhes o dinheiro que levavam.

Mal puderam reagir e caíram varados por tiros.

Marília percebeu que estava diante dos dois homens, que, em espírito, haviam envolvido a jovem, com a finalidade de castigar os antigos mandantes de suas mortes, os pais da jovem Leda.

Percebeu que eles haviam utilizado o quadro, como um permanente e presente elemento de cobrança da vingança, que haviam premeditado.

Leda via diariamente o quadro, que repetia a cena dos dois homens, vindo pela trilha, para o encontro fatal com os jagunços que os haveriam de matar, para roubar-lhes os bens.

Aquela visão a envolveria dia após dia, enquanto eles lhe solapavam a energia e a alegria de viver, fazendo-a sentir-se sozinha e com medo de não atingir os objetivos paternos, com aproveitamento total em seus estudos.

A insegurança natural com o futuro, os temores da idade, a distância dos pais, como filha única que era, os anelos da adolescência, tudo fora utilizado por aqueles dois espíritos, que se debatiam há anos, prisioneiros naquele quarto, onde haviam perpetrado sua vingança, levando Leda à morte, encarcerados no local, sem condição de sair, mesmo com a porta e a janela abertas.

Eles se debatiam em sofrimento e esgares terríveis, porque o local que haviam transformado no cenário de sua morte, impregnado aquelas paredes, aquele chão, aquele ambiente se transformara em sua prisão, e eles não conseguiam sair dali, sentindo os mesmos esgares da morte que haviam tentando vingar.

E Marília entendeu. Leda a quisera ali, para que ela a auxiliasse a libertar e amparar seus algozes, seus obsessores, aqueles que a haviam dominado mentalmente e a arrojado no espaço, ceifando-lhe a vida.

E o fazia, naquele momento, obedecendo ao pedido do paizinho que ressoava em seus ouvidos:

--Perdoa, minha filha!

Enquanto os dois espíritos a fitavam assombrados e temerosos, ela, irradiando sulferina luz estendeu-lhe as mãos, em sinal de ajuda.

A Espiritualidade auxiliava a jovenzinha, que se mostrava em fulgente e fulgurante angelitude, e cuja vibração de amor os ofuscava.

Em prantos, arrojaram-se aos seus pés, suplicando ajuda e perdão.

Uma luz ofuscante inundava o ambiente, como que dissolvendo o cenário criado por ambos, e higienizando o ambiente.

Nisto inadvertidamente, a figura da senhora Z.R. se mostrou à porta.

Marília percebeu que ela esquecera o pedido feito na véspera, ou que não lhe dera a devida atenção.

A senhora Z.R. entrou no ambiente e subiu sobre a cama de Leda, num gesto que mostrava que iria se atirar pela janela, exatamente como a jovem, cujo espírito ali nos levara, fizera há anos.

Marília só teve tempo de se jogar sobre ela ,lançá-la à cama, segurando-a com seus braços e o peso do próprio corpo, enquanto dizia:

--Não lhe disse que não entrasse aqui?

A senhora Z.R. começou a chorar, percebendo que o ambiente do quarto estava impregnado de tanta energia e cenas antigas dantescas, que Leda como que fora induzida e assassinada por seus algozes, espíritos ali aprisionados, desde o instante que culminara com sua morte, levada a efeito por eles, utilizando recursos terríveis, que haviam se iniciado com o quadro maldito, colocado na sala de estar..

Marília ajudou a senhora Z. a se levantar e sair retornando a sala, enquanto Leda, com auxilio da equipe ajudava a libertar e recolher finalmente seus algozes, prisioneiros ali há tantos anos.

Finalmente nossa medianeira entendia os motivos pelos quais se transladara de São Paulo, deixando seus afazeres rotineiros e se abalançara a seguir para Andradina.

Nunca vira antes um drama de tal magnitude, onde um objeto, aparentemente sem expressão e inofensivo, tivesse sido utilizado como elemento de atuação obsessiva.

Voltou a sala, depois de fechar a janela da qual Leda se arrojara, após perceber que os espíritos inimigos haviam sido aliviados e levados pelas equipes.

Marília voltou a sala. A mãe de Leda perguntou se deveria se desfazer do quadro, como que percebendo a importância que aquele objeto tivera no drama que ali ocorrera, porém Leda sorriu, observando que o mesmo não tinha mais o envolvimento que mantivera. Tornara-se inofensivo.

--Não precisa, não, mãezinha. Está tudo bem agora.

Todos podiam sentir que algo muito grave e importante ocorrera, mas somente Marília podia contar o ocorrido ali, a senhora Z. percebera parte de tudo, pela sua intromissão.

Trataram, pois, de sair dali, despedindo-se à porta do edifício.

Marília ficou de contar com detalhes tudo a senhora Z. E ela explicaria os detalhes do que acontecera.

Havíamos colimado os fins que Leda almejara e tudo fora feito com quase perfeição.

Os pais de Leda retornaram à sua moradia, e o sr. M. pediu para falar, por uns instantes, com nossa medianeira.

Marília o observara durante o percurso e percebera sua maneira de ser, de se defender da sociedade, de tentar se proteger do sofrimento que sua posição podia atrair, segundo sua forma deser e de sentir.

CAPITULO VIII - O QUE ACONTECEU DEPOIS

Sentaram-se num banco e o Sr. M. ficou calado por uns instantes.

Marília perguntou:

--O que o senhor deseja?

--Gostaria de me casar, de ter filhos, constituir uma família. -ele respondeu.

--Não é verdade isto. -falou ela de forma direta e incisiva.

O senhor tem uma pessoa que o ama, e deveria se casar e teriam três filhos, porém o senhor acha que as pessoas estão atrás de seu dinheiro. Com isto, afasta seu próprio roteiro.	Gosta muito de seu pai, e vai cuidar dele até o fim de sua vida mas, por sua desconfiança, com relação ao amor que possa inspirar, morrerá sem ter constituído a família programada.

O Sr. M. não soube o que dizer.

Alguns anos depois, Marília soube que o pai do sr. M. viera a falecer e logo depois ele também desencarnou, vítima de uma doença perniciosa.

Porém, antes disto, um dia a sra. Z. lhe perguntou:

--O que você disse ao sr. M.? Ele me confessou que lhe pediu um conselho, que viajara quilômetros para estar com você, que apreciou tudo o que aconteceu no apartamento de Leda, mas que você, Marília, o "espinafrou", literalmente.

Marília lhe contou o que haviam conversado, acrescentando,

--Como vê, não adiantou nada o que eu lhe disse. Ele tinha fortuna, vários carros, mas preferiu vir num fusca velho, para demonstrar que era pobre, preocupado que eu me aproximasse dele por interesse. Ele nos fez um favor, mais pela amizade a você, mas eu queria que ele revesse suas posturas e isto não consegui. Ele morreu sem constituir a família que dizia desejar. Uma pena. Não superou os próprios preconceitos.

A senhora Z. havia contado aos pais de Leda tudo o que acontecera naquele dia com detalhes que nossa medianeira lhe revelara, mas eles haviam já percebido a maior parte do tempo o que acontecera.

Acabaram por destruir o quadro e continuaram suas vidas.

Marília retornou a S. Paulo e aos seus múltiplos afazeres, porém jamais se esqueceu daqueles dois dias de tanto ensinamento. Trabalhava em três centros espíritas, como evangelizadora, expositora, na psicografia pública, na psicopictografia, em palestras, encontros, fóruns, simpósios, congressos e debates.

Jamais se esqueceria de Leda, que continuava a trabalhar a benefício dos jovens e que, vez por outra, lhe aparecia, trocando informações e trabalhando com ela.

Viagens a trabalho, recepção dos livros e mensagens particulares, publicação dos mesmos, perseguição, incompreensão e julgamentos, dificuldades e aperturas de toda a sorte.

Volta e meia vinha à sua mente a lembrança daqueles eventos, nos quais se envolvera e que haviam lhe granjeado tantas lições, e que ela

nomeara mentalmente com o epíteto de O quadro maldito.

Havia aprendido novos meios utilizados pelos obsessores, para atingir seus fins.

Sem dúvida, aquela viagem, aqueles fatos eram diferenciados, na dinâmica das tarefas a que se atinha.

Passara a prestar mais atenção aos detalhes, as emanações de objetos, a interferência das vibrações no ambiente, e isto lhe ampliou também os conceitos e a ação, no sentido do benefício que bons pensamentos, bons fluidos e objetos de significado afetivo exerciam, nos locais onde ia.

Em outras ocasiões, este novo conhecimento lhe serviu para a intervenção exigida.

Certa vez, estava na cidade de Juazeiro, Petrolina, onde participara, por dias, de um evento espírita de grandes proporções.

Esperava na sala de espera da frente do hotel que a abrigava, que a viessem buscar, porque iria para o aeroporto e de lá, retornaria para São Paulo.

Nisto, uma senhora relativamente jovem, muito bela, e bem vestida chegou e a cumprimentou.

Pediu licença de incomodá-la e sentou-se ao seu lado.

Neste momento, um espírito de um índio muito forte, totalmente nu, adentrou o recinto, o que causou certo impacto na nossa medianeira, porque não o conhecia.

No entanto, sua presença era muito agradável e dava uma impressão de segurança.

--Desculpe incomodá-la.- falou a senhora, se apresentando. -Aconteceu algo, há alguns minutos e pedi para que pudesse vir lhe falar sobre isto, enquanto ainda está na cidade.

--Tudo bem, mas terei que partir, quando chegarem para me buscar.

--Há mais ou menos meia hora uma prima me ligou. -falou a senhora. -Ela me comunicou que um parente nosso, também nosso primo, estava na cidade(e declinou o nome da mesma) próxima daqui, indo para um comício, porque era candidato a prefeito da mesma, e estamos em época de eleição.

Nisto, houve uma confusão na rua onde ele estava, com brigas entre os passantes, e saiu um tiroteio. Neste tiroteio, meu primo veio a falecer, vítima de balas perdidas.

Imediatamente, o índio, espírito ali presente, deu uma informação a nossa medianeira, que sentiu a firmeza da mesma e ela falou:

--A aparente confusão foi uma emboscada, que visava mesmo a morte de seu primo. Ele foi deliberadamente assassinado.

A jovem ficou interdita e lágrimas lhe vieram nos olhos.

Nossa medianeira continuou:

--Ele está amparado, desde o momento de sua morte por uma parente de vocês, uma jovem loira, muito bonita, que morreu há bem uns dois anos.

Mais surpresa ficou a mulher, falando o nome do espírito referido, o que foi confirmado por Marília.

--Não podemos afirmar que esta morte estaria programada pela espiritualidade, foi um ato vil, criminoso, e vou orar, para que encontrem e prendam os criminosos.

Nisto, o índio chamou a atenção de nossa medianeira para um belo colar que a senhora portava, informando que estava magnetizado por elementos deletérios, que visavam prejudicá-la. Informou também que Marília teria que pegar o colar e colocá-lo no próprio pescoço, para neutralizar os elementos nocivos.

Marília retrucou mentalmente à entidade:

--Não basta que eu passe minhas mãos nele?

--Não. Tem que colocá-lo no pescoço. - informou a entidade.

Aquilo era algo constrangedor e difícil, mais ainda pelo inusitado do momento, mas o índio insistia;

--Foi uma amiga que lhe deu o colar de presente. A mesma tinha a intenção de tirar-lhe o marido, num envolvimento amoroso. Você precisa pegar o colar e colocar em você.

Aquilo estava tomando uma dimensão quase hilária, mas Marília se encheu de ânimo e pensou como fazer o que lhe pedia o espírito presente.

Levou as mãos no colar da senhora, tentando com os dedos retirar-lhe as imanações deletérias, lembrando-se do quadro maldito, como ela o chamara.

--Que lindo colar, parece feito de contas diversas, ora cristais, ora cerâmica, mas formam um conjunto muito artístico e harmonioso! Quem lhe deu, ou a senhora o comprou?

A senhora estranhou os modos de Marília e respondeu.

--Foi uma amiga muito querida. Porquê? Tem algo neste colar?

--Não. Apenas nunca tinha visto um objeto tão bonito, tem a aparência dos colares egípcios, da época faraônica.

E, sem perceber que se denunciava acrescentou:

--Quando ela lhe deu este colar? Foi antes da morte de seu marido?

Quando percebeu já tinha falado e a outra respondeu, admirada:

--Como sabe que meu marido já morreu?

A medianeira falou:

--Achei que havia dito isto, quando se referiu a seu primo. Ele deixou esposa e filhos pequenos, não foi?

--Sim. Foi isto.

--Deve avisar a viúva que precisa sair da cidade e se esconder, porque também ela e os meninos correm risco de vida.

Eu apenas achei bonito seu colar.

--Minha amiga fez algum trabalho nele?-perguntou a senhora.

--Não, imagina. Quer ver? Deixe-me colocá-lo em mim. Eu não faria isto se ele tivesse algum maleficio.

A senhora tirou o colar e colocou-o no pescoço de Marília, que estava constrangida com o que praticamente era obrigada a fazer, inda mais que me via rindo do inusitado do feito.

Foi até um espelho magnífico que havia no recinto e se olhou no espelho, enquanto com as mãos desmagnetizava o colar.

--Quer ficar com ele?- falou com espontaneidade a senhora. -Fique com ele.

O constrangimento aumentou. Marília tinha feito o que o índio lhe pedira, o colar não tinha mais a imantação com o qual chegara. Tirou, portanto, o mesmo do pescoço, entregando-o a senhora, que insistia em dá-lo de presente, argumentando:

--Já vi como fica em mim. Não fica tão bem quanto na senhora, que é jovem, uma mulher bonita e vistosa. Em mim pega mal, sou mais velha e não me cai bem, nem um pouco, Mas parabéns por ele, e avise logo sua prima que deve empreender logo sua fuga da cidade.

Nisto chegavam para levá-la, ela se despediu, em meio aos agradecimentos daquela senhora, e tratou de tomar o avião.

--Que sufoco! -comentou mentalmente comigo. -Cada situação em que vocês, espíritos, me colocam.

No entanto, aquele índio passou a trabalhar conosco, nos trabalhos de desobsessão.

A viagem para São Paulo teve novos envolvimentos espirituais, mas isto será contudo em outro opúsculo.

Ficamos felizes com o desfecho do caso. Leda também e, no momento, era tudo o que nos importava.

CAPITULO IX - TRABALHO ESPIRITUAL DE LEDA

Muitas foram as vezes em que Leda comparecia aos trabalhos de desobsessão, ao atendimento aos moradores de rua, ou a eventos nos quais participávamos.

Ela não se transformara em um membro de nossa equipe ou mesmo de uma das fraternidades espirituais com as quais nos agregávamos, para tarefas específicas, mas, volta e meia, a víamos participando e interferindo em nossos trabalhos.

Tornou-se até mesmo comum sua aparição durante as tarefas nos Centros Espíritas, onde trabalhávamos, ou mesmo em outros misteres em que nos envolvíamos.

Quando o trabalho envolvia jovens, principalmente, não era raro que comparecesse, trabalhasse junto ou interferisse.

Deste modo, sua vinda não causava entre nós nenhuma surpresa mais, se tornara natural e nunca lhe perguntamos sobre sua vida no Mundo Espiritual, e em qual colonia ou grupo se afinizara, cientes de que, se isto fosse importante, ela mesma nos diria.

Os anos foram se seguindo, como era natural, porem, um dia, sendo já tarde da noite, Marília recebeu um telefonema da sra. Z.R. ,no qual ela pedia socorro, para eventos que estavam ocorrendo e que ela não estava conseguindo controlar.

A sra. Z.R. era professora há muitas décadas, formada na área de artes e dava aulas a adolescentes, com os quais se envolvia em amizade e camaradagem.

Sabemos que hoje é raro isto acontecer, devido a mudanças estruturais na educação e nos lares, instigando nossos jovens ao desrespeito a seus mestres, ao descalabro e até mesmo a violência, o que é inadmissível, mas estamos diante de algo praticamente orquestrado e institucionalizado.

Pelo telefone, a sra. Z.R. pedia ajuda, pois programara uma viagem de estudo e turística a cidade de Ouro Preto.

Haviam fretado um ônibus e alunos da oitava série tinham se inscrito para a viagem que seria demorada e cansativa, através das estradas, em ônibus fretado.

A sra. Z. Estava naquele momento em um ponto de parada, num posto e restaurante, mas preocupada, porque uma aluna estava presentando um comportamento estranho, inusitado e sem explicação.

Falava coisas sem nexo, e demonstrava um firme propósito de colocar fim a própria vida.

Nada apontava para o uso de algum entorpecente, que pudesse explicar o desequilíbrio da jovenzinha.

Porém o mais aterrador é que, durante a viagem, mais alunos começassem a demonstrar o mesmo desiquilíbrio psíquico, o mesmo transtorno de comportamento da jovem.

Enquanto a professora falava, Marília foi sentindo todo o peso da atuação sobre os adolescentes, e percebeu que mais de um agente perturbador acompanhava os alunos, com o intuito de causar algum desastre e mesmo mortes várias, como já ocorrera anteriormente.

Explicou rapidamente o que sentia e percebia e se dispôs a tentar conseguir um auxílio emergencial dos amigos espirituais, solicitando que a líder da excursão orasse.

Após desligar o telefone, Marília orou e viemos em seu socorro e junto de nós Leda, a amiga da sra. Z.R.

Trataram de se por a campo, indo em espírito para o local onde o ônibus parara, para um descanso de minutos, e proveito dos alunos.

Imediatamente dentro do veículo, no instante mesmo em que os alunos retornavam aos seus lugares, Leda inspirou Zilda a que se dirigisse ao grupo e solicitasse que orassem, para o sucesso da viagem, com um término benéfico e estadia na cidade, com proveito e alegria.

A principio os jovens não queriam orar, mas a sra. Z. insistiu e nós a assessoramos espiritualmente.

Durante a oração, as equipes foram, de certa forma, aprisionando as entidades que desejavam promover a confusão e as foram levando, enquanto higienizávamos o ambiente.

A professora pode sentir a presença e atuação de Leda de forma direta e forte e lhe agradeceu por isto.

Meses depois escrevia uma carta, contando sobre o que fizera e sentira, e como sabia que a havíamos ajudado, junto com Leda.

Acabou por contar também que não era a primeira vez em que sentia o amparo da jovenzinha, durante as aperturas em que se via, nos seus misteres.

Ficamos felizes por ver que a jovem aprendera como atuar de forma proveitosa, a benefício de quem desejasse auxiliar.

Ela se unira a um grupo de outros jovens que tinham as mesmas ideias e afinidades dela, e estavam dirigidos por equipes superiores, que os comandavam e ensinavam, de uma forma muito eficaz.

Estas equipes sabiam exatamente como atuar e como ensinar, de modo que nossos contatos passaram a ser mais frequentes, ainda que nossos campos de ação e tarefas não fossem as mesmas.

Engraçado que elas participassem de alguns de nossos trabalhos, mas que nunca nos chamavam a participar dos seus trabalhos específicos, muito direcionados a juventude.

Havia uma ligação, com a possibilidade de participação deles conosco, como se nossos trabalhos representassem algum tipo de curso de extensão e aprendizagem para eles, mas eles não demonstravam necessitar de nosso concurso.

Era um acordo de nossos Maiores da Espiritualidade, e nunca acharam necessário explicações maiores, nesta intervenção deles conosco.

A mim e Marília só comungávamos a certeza de que tudo estava bem como estava e que não precisávamos nos preocupar com isto, de vez que Leda vinha quando isto era determinado pelos seus mentores, e ela participava dos eventos de forma proveitosa para todos.

Tínhamos estabelecido um vínculo de amizade, respeito e participação e não queríamos ser invasivos com ela.

Nossa intervenção em sua vida e tarefa haviam ocorrido por pedido dela mesma, e isto nos bastava.

CAPITULO X - MORTE DOS PAIS

Um belo dia chegou uma carta, vinda de Birigui.

A sra. R.Z. nos informava que o pai de Leda havia falecido.

Marília imaginou que ele partira, devido a idade já avançada, e aos desgostos que lhe haviam minado os dias, após a morte trágica de sua filhinha, mas não fora assim.

A missiva contava o meio pelo qual ele partira.

Estava em uma de suas propriedades rurais, e resolveu que deveria serrar um galho de uma mangueira centenária, porque o mesmo poderia cair ou estaria prejudicando a árvore.

No entanto, apesar de dispor de empregados em suas terras, que poderiam facilmente executar seu desejo, segundo sua determinação e ordens, ele resolveu que ele mesmo faria esta tarefa e procurou as ferramentas, escadas, cordas, tudo que sabia ser necessário, para atingir seu propósito.

No entanto, apesar de acostumado aquele serviço, que parecia até muito simples, durante a execução do mesmo, o galho veio a se partir, de forma inesperada e, sendo muito pesado, se desprendeu e caiu com força sobre o pai de Leda, ferindo-o na cabeça, com traumatismo craniano.

Foi levado as pressas para um bom hospital, mas, apesar dos esforços dos facultativos, logo veio a falecer, deixando a esposa, que também já estava em idade avançada e combalida, muito abalada.

Oramos com sentimento por sua recuperação no Plano Maior, e sentimos que estava junto a filha querida e logo se adaptaria a nova realidade.

Preocupou-nos o fato de que os familiares do casal pudessem estar voltados para o interesse na posse dos seus bens, e tratamos de ponderar auxilio para a mãe de Leda que teria ainda mais tempo de vida e que estava aparentemente tão sozinha.

Mais anos se passaram sem notícias dele, de Leda ou de sua mãe até que um dia fomos novamente informados que a mãe de Leda também viera a partir.

Tivemos a certeza de que finalmente a família estava reunida e feliz, e livre de quaisquer interferências em sua harmonia e contentamento.

Somente sentíamos que nada tivesse sido feito, para evitar a partida dolorosa da jovenzinha, e nem minimizado a forma trágica da morte de seu pai.

Porém o pouco que nos fora permitido interferir, tinha alto significado para nós, e sabíamos que havíamos granjeado novos amigos, para todo o sempre.

Por muito tempo a lembrança dos fatos ocorridos naquele apartamento, em Andradina, nos ocupariam os espíritos, como um aprendizado inusitado e fantástico, em todos os sentidos de nossa experiência.

Conhecer Leda e seus pais era um prêmio para nossas almas em aprendizado.

Aquela participação que tivéramos haviam nos ampliado os horizontes do conhecimento e da reflexão, e também ampliado nosso rol de amigos entre encarnados e desencarnados.

Claro que sentimos não ter podido intervir de forma mais proveitosa, na mudança de rumo do sr. M. na felicidade de vê-lo a constituir a família que programara antes do reencarne, mas cuja consecução não colimara.

Se ele ao menos nos tivesse ouvido e modificado seu modo de ver as coisas...

CAPITULO XI - ENCERRAMENTO

Consideramos o trabalho de desobsessão, anônimo e amplo, realizado por centenas de agrupamentos espíritas, os mais caridosos e eficazes, no auxílio desinteressado e até mesmo perigoso, entre encarnados e desencarnados.

Consideramos também, que não se disse, nem jamais se completará o manancial de ensinamentos a respeito do assunto, porque ele mesmo, em si, compreende um infinito campo de acontecimentos os mais díspares e surpreendentes, que não podemos abarcar com apenas alguns compêndios e regras estratificadas.

Temos visto com apreensão escritores e médiuns que não laboram na área, se abalançarem a transmitir conceitos e noções as mais estapafúrdias, que batem de frente com os postulados do mestre lionês, Allan Kardec, pelo simples propósito de demonstrarem um conhecimento que não têm, e que a experiência de quem trabalha no campo não apoia ou defende, por interesse em projeção, poder, domínio e até mesmo finalidades financeiras, que muito se assemelham ao teatro montado por alguns pastores, voltados para a fortuna que os dízimos lhe propiciam.

Os projetos que são vulgarmente conhecidos como “*self promotions*” ou promoção pessoal, atraem e fascinam os desavisados em todas as épocas da humanidade, e por isso é que Kardec ponderou que conheceríamos os médiuns através de seu total desinteresse, principalmente no campo econômico.

Temos nos dedicado a narrar de forma sucinta, mas clara, casos que extrapolam os eventos mais rotineiros no campo da desobsessão, por considerar que, embora Kardec fosse claro em seus estudos a respeito, e Chico Xavier, em seus romances e na coleção de André Luiz e outros, também tenha se dedicado exaustivamente a demonstrar o conhecimento do assunto, em suas diversas vertentes, estaremos sempre aprendendo mais um tanto sobre o assunto, mercê das tarefas assumidas, e do auxílio maior que nos brinda com oportunidades e soluções as mais surpreendentes.

Da mesma forma que a Igreja Romana tentou dominar e ainda domina milhares de seres, com o assustador quadro do Inferno e do Purgatório, tão bem narrados por Dante, e, do mesmo modo com os quais a denominações protestantes têm atraído multidões, em seguidores e financistas de seus líderes, assustando-os com o domínio do que eles chamam de demônio, também no meio espírita encontrarmos pessoas que não aceitam a necessidade da comunicação mediúnica, para o socorro aos ataques psíquicos, bem como outros Centros, que ficam com receio de assumirem a tarefa, por não se considerarem aptos para enfrentar o trabalho com competência,

e proveito espiritual.

Continuamos convictos que jamais esgotaremos o assunto, e apenas lançaremos alguma luz sobre alguns modos de atuação das trevas e as maneiras mais eficazes de se lidar com os problemas, quando eles surgirem, como um desafio à nossa frente, pedindo por soluções mais adequadas, e benéficas a todos os envolvidos.

Estamos cientes de que somente uma melhoria da evolução dos seres humanos, nos auxiliará a não termos mais a necessidade deste trabalho tão difícil e sacrificial da desobsessão, porque o único mal na Terra será não fazermos o bem, porque o mal terá sido erradicado de nosso dia a dia e de nosso comportamento.

Até que atinjamos este patamar maior, que talvez custe o exílio para outro orbe de dois terços da população terrena atual, entre encarnados e desencarnados, contudo, a tarefa de erradicação do mal, de esclarecimento, de luta e vitória do bem ainda será um programa de ação nosso.

E esta tarefa sai até mesmo do campo do infortúnio puramente pessoal, como o de Leda, de um grupo, como seus pais e amigos, e atinge um campo de ação mais amplo, interferindo em grupos, comunidades, países, nações e coletividades.

Por isto, Emmanuel asseverou com muita propriedade, através de Chico Xavier que " a lágrima de um hemisfério, repercute no outro."

Deste modo, o espírita é chamado a participar, comparecer e atuar onde houver alguma coisa a ser modificada a benefício de todos e não pode se blindar, não participando ativamente de todos os eventos que atualmente envolvem o planeta, num último esforço do mal de aqui permanecer.

Sua participação envolve a tal compaixão, tão bem explicada pelos budistas, e que nem sempre conseguimos entender ou penetrar, em seu sentido e profundidade.

Isto exige que se coloque no lugar do outro e entenda-o em sua posição e expressão.

Claro que não é apenas uma atitude exterior de compreensão e entendimento e sim um mergulho profundo na realidade alheia, e na mudança que precisa ser realizada.

É um desdobrar-se para auxiliar, é um trabalho ingente de transformação e mudança, que exige denodo, dedicação, desprendimento e muito esforço, um esforço sacrificial.

Também participar disto acaba por comprometer-se o próprio íntimo, num crescimento interior, sofrido e trabalhoso.

Não é fácil explicar como esta mudança interior se dá, nem quais os fatores e os meios que a promovem visceralmente, mas de forma natural.

Esta conquista interior que não é buscada, mas acontece a medida que se evolua, no trabalho ao semelhante, é o galgar de patamares que descortinam novos cenários e novas paisagens, com uma visão mais ampla do futuro e da realidade à própria volta.

É uma escolha, mas também é um caminho sem volta, que, uma vez iniciado, leva as criaturas que fizeram esta opção, a locais nunca antes conhecidos, vistos ou sentidos no passado, e com uma realidade ampla e maravilhosa.

Este foi o motivo principal que nos levou a trazê-lo conosco, na história de Leda, cuja vida curta foi tão plena de tragédia e sofrimento, mas cuja evolução, sublimação nos elevou e ensinou de forma eficaz e perene.

Tendo ela nos permitido desvendar sua história, creio que pudemos fazê-lo com proveito, com delicadeza, e com total lisura, com profundo respeito pela sua dor e a dos entes queridos.

Resta-nos explicar que o sr. M. revendo também o périplo de sua vida, concluiu que ainda não conseguiu reatar laços antigos e superar as

antigas escolhas, preconceitos e parâmetros errados, mas espera conseguir da próxima vez, reatar seus compromissos, rever seus laços afetivos, e colimar as ligações de amor e compromisso que lhe competem.

De nossa parte, foi prazeroso rever aqueles momentos, em que nossa atividade, e ver que pode ser exercida com total proveito, para todos os envolvidos, e também nos granjear lições imorredouras, dentro de nosso pequeno campo de ação.

Que, aos poucos, todos nós unidos e firmes nas tarefas abraçadas, possamos minimizar o mal, implantar o bem e, com isto, a transformação planetária que se exige.

Afinal, este tem sido um trabalho de milênios, liderados pelo Mestre Jesus, e chegou o momento decisivo da batalha final.

E o campo de batalha é dentro de nós mesmos, onde estivermos, em nossos lares, em nossa cidade, em nosso estado, em nossos países e, consequentemente, neste vasto e, ao mesmo tempo, minúsculo mundo.

E QUE ALCANCEMOS A VITÓRIA FINAL!

Table of Contents

APRESENTAÇÃO
PALAVRAS INICIAIS
PALAVRAS DO AUTOR
CAPITULO I - COMO CONHECI LEDA
CAPITULO II - NOVOS CONTATOS
CAPITULO III - O TEMPO PASSA
CAPITULO IV - APARIÇÃO
CAPITULO V - COMPONDO UM PROGRAMA
CAPITULO VI - A VIAGEM
CAPITULO VII - FINALMENTE NO LOCAL
CAPITULO VIII - O QUE ACONTECEU DEPOIS
CAPITULO IX - TRABALHO ESPIRITUAL DE LEDA
CAPITULO X - MORTE DOS PAIS
CAPITULO XI - ENCERRAMENTO